



HAL
open science

Presentation of the Dossier Cultural Industry and Contemporaneity

Adriana Facina, Pâmella Passos

► **To cite this version:**

Adriana Facina, Pâmella Passos. Presentation of the Dossier Cultural Industry and Contemporaneity. 2013.
<hal-05488151>

HAL Id: hal-05488151

<https://hal.science/hal-05488151v1>

Submitted on 1 Feb 2026

HAL is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.



Distributed under a Creative Commons CC BY 4.0 - Attribution - International License

Apresentação

A indústria cultural é um dos elementos que identificam a contemporaneidade. Toda a vida humana está hoje permeada por imagens, símbolos, sons, textos que foram produzidos em seu âmbito. Nossas subjetividades, a maneira como vemos o mundo, os desejos que expressamos estão sempre em diálogo, mais ou menos contraditório, com bens culturais produzidos de forma massiva e mercantilizada.

O conceito de indústria cultural foi trazido ao debate sobre a natureza do capitalismo no Pós-Guerra por Theodor Adorno e Max Horkheimer. Era o ano de 1947, no qual se definia a Guerra Fria e época em que os horrores do extermínio ainda povoavam intensamente corações e mentes. Em *Dialética do Esclarecimento (Dialektik der Aufklärung)*, os autores criticavam a razão iluminista, capaz de tornar o massacre racional, e viam na indústria cultural sua perpetuação. Em oposição ao termo “cultura de massas”, que pode significar uma produção cultural produzida por ou para as “massas”, o conceito de indústria cultural põe a nu a lógica da cultura mercantilizada. Nesta, as “massas” seriam apenas objetos e jamais sujeitos. Os bens culturais produzidos como mercadorias se destinam ao consumo e, por meio deste, a um controle social fabricado pela alienação. Ao mesmo tempo similares a quaisquer mercadorias produzidas sob o capitalismo, esses bens se distinguem pela sua capacidade de gerar conformismo e aquiescência, capturando subjetividades para a legitimação da ordem do capital.

Muitos foram os autores que debateram essa concepção, seja para negá-la radicalmente e celebrar a “liberdade de escolha” da audiência, seja para perceber nesse sistema de dominação brechas e contradições capazes de permitir a produção de contra-hegemonias. Assim, tomando como horizonte a gênese de tal conceito, o dossiê “Indústria Cultural e Contemporaneidade” reuniu diferentes textos, divididos em: 10 artigos, 01 resenha e 01 entrevista que lançam olhares diversos sobre expressões culturais e seus contextos históricos.

Os primeiros artigos focam mais diretamente nas reflexões conceituais acerca da indústria cultural e seus desdobramentos. Em seguida, passamos para análises mais específicas de produtos e/ou manifestações culturais que dialogam com o referido conceito.

Música, turismo, produção audiovisual, novas tecnologias de informação e comunicação, movimentos sociais, foram temas escolhidos para problematizar o papel da indústria cultural no mundo contemporâneo. Seleccionamos ainda uma entrevista de Armand Mattelart, sociólogo belga, co-autor do livro *Para ler o Pato Donald*, na qual ele reflete, entre outros temas, sobre o papel da indústria cultural no golpe que derrubou o presidente chileno Salvador Allende. Realizada pelo historiador Ivan Gomes, a entrevista traz uma contribuição fundamental para o aniversário dos 40 anos do golpe civil-militar no Chile. Por fim, Lia Rocha apresenta resenha que aborda a “moda” do turismo nas favelas, parte de um processo mais amplo de ordenamento urbano e de comoditização da cidade que está em curso no Rio de Janeiro, sede de megaeventos nos próximos anos.

“O Apocalipse é uma obsessão do *dissenter*, a integração é a realidade concreta dos que não dissentem.” A célebre frase de Umberto Eco, em seu livro *Apocalípticos e Integrados*, pode ser tomada como epígrafe deste dossiê. Nossa intenção foi, a partir de abordagens diferentes, desnaturalizar o senso comum, incentivando estudos culturais críticos que compreendam a História como processo. Pode-se perceber, assim, as mediações produzidas na dinâmica da indústria cultural, arena de conflitos e disputas entre um poderoso *status quo* que busca se perpetuar eternamente e um campo contra-hegemônico que busca construir, de modos diversos, um novo horizonte histórico.

Adriana Facina*

Pâmella Passos**

Organizadoras do Dossiê Indústria Cultural e Contemporaneidade

* Professora do PPGAS/Museu Nacional/ UFRJ, com pós-doutorado em Antropologia Social.

** Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ). Doutora em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e pesquisadora do Grupo de Pesquisas “Observatório da Indústria Cultural (Oicult).